

A Estrada

Dizem os velhos que esta estrada,
seja curta ou comprida,
que só se chega ao outro lado
gastando a vida
e que depois do outro lado não há mais nada

Todavia, os jovens lá vão, em festa,
de braço dado
e aos beijos pelas sombras, às risadas,
pensando que, depois desta,
ainda há outras estradas.

Os Silos do Silêncio – poesia (1948-2004). Lisboa, Ed. Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2005, p. 326 (1948)

As Palavras

As palavras meu Deus como são
imprecisas volúveis. No entanto
elas só (enquanto os homens passam)
guardam para sempre o sinal do tempo

Delas nascem depois os avisos
as borboletas do ar as larvas da terra
elas próprias escavam os abismos
abrem as asas/e o voo (elas só afinal) desferem

Imprecisas? volúveis? mas inamovíveis
elas lá ficam na página branca
à espera de um *Levanta-te e caminha*
de qualquer voz humana

Os Silos do Silêncio – poesia (1948-2004). Lisboa, Ed. Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2005, p. 229

Poema para o gato Gaspar

Nem só de carapau vivem os gatos
mas também de silêncio
mas de ouvidos e patas
e de gatas que é mesmo a posição
em questão
e em que estão
os outros animais ditos i-
-racionais

Gaspar, *my friendly ghost*
come a tua ração
come o teu pão quer dizer carapau
 quotidiano
com esse teu motor interior
a trabalhar em direcção à fuga
no preciso momento

Todavia não deixes de espreitar
o aquário com peixes verdes dentro
que o alimento
vem também de sonhar

Nem só de carapaus, *my friendly ghost*
bicho manhoso
a quem chamo Gaspar.

Félix, Emanuel. *O Vendedor de Bichos* (1965) in *121 Poemas Escolhidos*, p. 40.

Discurso sobre a utilidade da mosca

um milhar de olhos para contar os grãos
asas para dividir o vento e uma
sirene [para anunciar a chegada e
breve a partida
tão evidente como a dos navios

minúsculo aparelho de descolagem vertical
tem ainda um milhar de lábios [para o
beijo gelado das paredes [patas para o
mal-estar das visitas [e para
caminhar no tecto de cabeça para baixo
tudo nela é tão pequeno e subitamente
tão útil
que a sua criação foi uma zombaria.

Félix, Emanuel. *O Vendedor de Bichos* (1965) in *121 Poemas Escolhidos*, p.43.

O elefante legatário

O elefante legatário
magnânimo até ao fim
ao caçador que ímpio o abate
oferece as presas de marfim.

Félix, Emanuel. *O Vendedor de Bichos* (1965) in *121 Poemas Escolhidos*, p. 46.

As Raparigas lá de casa

Como eu amei as raparigas lá de casa

discretas fabricantes de penumbra
guardavam o meu sono como se guardassem
o meu sonho
repetiam comigo as primeiras palavras
como se repetissem os meus versos
povoavam o silêncio da casa
anulando o chão os pés as portas por onde
saíam
deixando sempre um rasto de hortelã
traziam a manhã
cada manhã
o cheiro do pão fresco da humidade da terra
do leite acabado de ordenhar

(se voltassem a passar todas juntas agora
veríeis como ficava no ar o odor doce e materno
das manadas quando passam)

aproximavam-se as raparigas lá de casa
e eu escutava a inquieta maresia
dos seus corpos
umas vezes duros e frios como seixos
outras vezes tépidos como o interior dos frutos
no outono
penteavam-me
e as suas mãos eram leves e frescas como as folhas
na primavera

não me lembro da cor dos olhos quando olhava
os olhos das raparigas lá de casa
mas sei que era neles que se acendia
o sol
ou se agitava a superfície dos lagos
do jardim com lagos a que me levavam de mãos dadas
as raparigas lá de casa
que tinham namorados e com eles
traíam
a nossa indefinível cumplicidade

eu perdoava sempre e inda agora perdoo
às raparigas lá de casa
porque sabia e sei que apenas o faziam

por ser esse o lado mau de sua inexplicável bondade
o vício da virtude da sua imensa ternura
da ternura inefável do meu primeiro amor
do meu amor pelas raparigas lá de casa.

Félix, Emanuel. *Habitação das Chuvas* (1997) in *121 Poemas Escolhidos*, pp. 205-206.

Melibeia

Melibeia é a primavera
dos homens sem infância

Melibeia é um sorriso
gesto de esperança
entre o mar
e os montes verdes

Melibeia – mil silêncios
sem longe
nem saudade
sem ausência
nem regresso

(ah
a liberdade é uma ironia
como o sol de ninguém
mesma lua de todas as noites
fruto proibido
e seu preço)

onde os pássaros dormem cobertos de silêncio
na primeira árvore da estrada.

Félix, Emanuel. *Poemas de Melibeia* (1965) in *121 Poemas Escolhidos*, p. 52.

Fragmentos encontrados numa garrafa dada à costa

1. Traziam a tenda Pela tarde
a sombra crescia sobre os corpos
 - que história morre agora
nesta página?

2. Assim perdia o derradeiro aceno
passara o tempo do amor e do vento
 - foi visto em que porto
em que morte?

Lugares Sombras e Afectos. Textos de Urbano Bettencourt e
Desenhos de Seixas Peixoto, 2005, p. 7.

Postal de S. Jorge

Para

Carlos Faria

Onésimo T. Almeida

Seixas Peixoto

Chegas a S. Jorge e há um motorista pronto a tranquilizar-te face à lentidão do serviço de bagagens: 'Ó senhor, a gente tá aqui é pra esperar'. Em S. Jorge, *aqui* é advérbio de lugar e de tempo também, como leste em Fátima Borges e poderias ter igualmente lido em Carlos Faria.

Sábado de manhã, abres a janela sobre o mar e as invisíveis laranjas da Urzelina. Canal. A gente tá aqui é pra esperar. E o Pico sem se mexer.

Lugares Sombras e Afectos. Textos de Urbano Bettencourt e Desenhos de Seixas Peixoto, 2005, p. 11.

Variações (em tom menor, é claro) sobre a poesia de Eduardo Bettencourt Pinto

Percorro os nomes e os lugares
destes versos. Da geografia
sei muito pouco: os retratos em que nos perdemos
da infância e dos cheiros da terra,
o vagar do tempo, as suas rugas
na face da página, a breve cristação
das folhas sobre o sul.
Há três sílabas perdidas
na malha de um mapa tão esquivo assim:
talvez *An* seja a mais doce
e *Go* a mais magoada,
mais leve *La* como fosse
sílabas em que se ouvisse
o rumor dos deuses e a sua ausência. [...]
Regresso dos nomes e lugares
destes versos. Não direi, porém,
a exacta dimensão em que me tenha
perdido ou encontrado.
Pouso no peitoril a túnica
das palavras, o secreto sal dos seus caminhos,
e escuto
*a lenta respiração
do mundo.*

Lugares Sombras e Afectos. Textos de Urbano Bettencourt e Desenhos de Seixas Peixoto, 2005, pp. 16-18.

523. A PAZ ZEN DO EDUARDO (BETTENCOURT PINTO) 16 outubro 2011

não esqueço as tuas palavras
o tom suave das tuas falas
lavrador de verbos
com medo de ferir as terras
arando sentenças
como se fossem seres vivos

estás de bem contigo e com o mundo
pacifista de vocábulo fácil
nem na imagética és agressivo
entras a medo
como quem pede desculpa
e saís fotografando
sorrasteiro para não incomodar o ar
que respiras sem sofreguidão

tens o sofrimento e a dor
em sulcos profundos na alma
reclusos da poesia
que ainda não escreveste
prisioneiros invisíveis
carregas a dor de muitos mundos
oculta em véus diáfanos

falas mansamente para não ofender
lentas palavras na construção do mundo
não acalentas raivas ocultas
dialogas com as tuas fotos
condescendes com os humanos
partilhas a felicidade
de estar e de ser
únicas certezas que transportas
mas também sorris
como a criança que não foste
como o adolescente que não pudeste ser
como o jovem adulto que te obrigaram a viver
convertes mágoas em alegrias
partos difíceis e resignados
alquimias de amarguras

das aves sabes o voo tangencial
das plantas o ciclo vital
das ondas que são o teu leito
avistas as estrelas que te alimentam

a poesia é questão de minorias
só os privilegiados leem
menos ainda a entendem
dizem que escrevê-la é fácil
mas difícil é o que fazes

vives a poesia no teu dia-a-dia
a ti, irmão da palavra
obrigado por acreditares
em ti, como em Gedeão
o sonho comanda a vida

(ah! como eu gostava

de ser poeta

viver outras vidas

utopia).

Casi cielo

Bebo o último sol da tua boca.
As cadeiras estão vazias.
Oïço um murmúrio de guitarra enquanto um bravo cavalo de água galopa sobre o mar.
Os teus ombros ardiam, lembro-me, o vento.
O vestido era branco, as sandálias duas sombras de palmeira.
Não tinhas um nome para recolher os meus rios,
e a nostalgia olhava-me como um cão.
Um dia todos nós partimos.
Mas eu regresso sempre a este cais,
palavra a palavra,
buscando-te.

EDUARDO BETTENCOURT PINTO. **Blogue** "*Palavras no Branco*"
www.eduardobpinto.wordpress.com

1020. pitt meadows kwanza açores, ao eduardo bettencourt pinto, [22 setembro 2011]

nasceste na savana com pés de basalto e lava
viveste na terra dos grandes desertos da África meridional
mas o teu rio é kwanza que acaba aos pés de Luanda
terra de surf na bela baía
teu nome é de magma ancestral
nasceste do fogo e da água
com raízes na ilha-mãe que buscas entender
teu nome não é pradaria em Pitt Meadows
mas belos trigais na British Columbia
zona alagadiça de deltas e Lagos
Maple Ridge e o rio Pitt são teus parceiros
mas não esqueces o calor de África
nem a humidade arquipelágica
divides a vida entre amores e pátrias distantes
fazes da escrita uma fotografia
já que não retratas a poesia
mas algo nos une que não as palavras
o mar imenso que nos separa

Ofício - Eduardo Bettencourt Pinto

Apagas uma palavra como o vento árido
a pegada.
Sem piedade, limpas do branco o balbucio ténue
como quem arranca do chão a erva daninha.
Fica entre os dedos um cheiro a terra fresca, húmida
e fértil.
Lavrador de música, pegas noutra.
Esperas que nessa passe um barco, os cântaros se encham
de vinho para a festa, ou uma maçã amadureça
nos tristes galhos do inverno.
Nunca sabes: as palavras são bailarinas imprevisíveis;
ou te levam para um campo de águas bravas
ou fogem de ti rindo, por seres tão pobre

“IOS” - VASCO PEREIRA DA COSTA (Terras. Porto, Campo das Letras – Editores, S.A., 1997, p. 16).

Quem inventa ilhas apenas cria
sabidos paraísos e infernos ainda iguais
às vidas já vividas na agonia
de ser o menos e almejar o mais.

Quem em ilha nasce logo cedo reconhece
onde o menos se distende e como o mais fenece.

PRAINHA DO NORTE VASCO PEREIRA DA COSTA P 49 O FOGO OCULTO

*Entre cabeços maroiços e verduras enseivadas
O branco da casa o negro do muro*

*Meu avô traz nas mãos suadas
Um sol maduro
Colhido para que eu leia o meu destino de mar
- que ele quer fecundo.*

*Parte em gomos o fruto sibilino:
O cais da largada é o começo do mundo
do mundo*

1007 tanto mar (ao vasco) [pico, 9 agosto 2011] chrys chrystello inédito

tanto mar
e não cabem nele
os teus fogos ocultos

tanto mar
e nele flutua
a tua prosa

tanto mar
tanta montanha
vulcões por trepar
maroiços por construir
baleias por capturar
no teu pequeno bote
prenúncio de liberdades
cravos e rosas
espinhos
espigas

da prainha do pico
à heroica angra
ao choupal das letras
pescador de palavras
lavrador de poemas

tanto mar
e não cabem nele
teus livros por acabar.

1009 (à minha maria mãe, pico, 9 agosto 2011) chrys chrystello

maria nobody
de todos ninguém

de alguém
de um só
maria nobody
com body de jovem

maria só minha
assim te sonho
assim te habito

maria nobody
de todos ninguém

maria nobody
mãe
amante
mulher
minha maria

maria nobody
de todos ninguém
nem sabes a riqueza
que a gente tem

maria nobody
de todos ninguém

maria só minha
dos filhos também
maria nobody
mais ninguém tem.

*1017. a ilha de todos os medos (ribeira quente, povoação, 31 agosto 2011) chrys
chrystello*

uma ilha pode ser de todos
independentemente de onde se habita

viver na ilha é quase um naufrágio
respirar sob as águas turvas
viajar através do corpo submerso
vir à tona turbulenta

para partir da ilha sem sair dela
levá-la para mundos outros
recriar a origem em qualquer destino
crenças, festas e procissões

uma ilha pode ser de todos
mas só alguns a possuem
menos a apresentam como passaporte

vergonha natural de regionalismos
canga feudal de séculos
atraso, incultura, insucesso

vencer na escrita fora da ilha
sotaques polidos, discursos alheados
BI estrangeirado
arrogância, ostracismo, sem açorianismo

uma ilha pode ser de todos
merecem-na quem a habita
os livros a quem os lê

deneguem anátemas de ilhanizados e açorianizados
albardem-se oportunistas da literatura
abrigados em rótulos autonomistas
enjeitem escritores renegados
tertúlias de Lisboa a Coimbra

promovam-se os que se não promovem
os que sentem o que escrevem
os que redigem esta alma única
este sabor a mar e tremores de terra
pedreiros do magma e lava

raiz original e comovida¹
com lágrimas de gente infeliz²
em relação de bordo³
de histórias ao entardecer⁴
na ilha de nunca mais⁵

louvem-se e publiquem-se novedições
de o lavrador de ilhas⁶
marinheiro com residência⁷
nas escadas do império⁸

leia-se que fui ao mar buscar laranjas⁹
ou fui ao pico e piquei-me¹⁰
à boquinha da noite¹¹

estude-se a cor cíclame e os desertos¹²
na distância deste tempo¹³
plantador de palavras vendedor de lérias¹⁴
os silos do silêncio¹⁵
em a ilha grande fechada¹⁶
quando Deus Teve Medo De Ser Homem¹⁷
e era o príncipe dos regressos¹⁸
em a sombra de uma rosa¹⁹
quando havia almas cativas²⁰
no contrabando original²¹
estava o mar rubro²²

era desta açorianidade
desta literatura açoriana
que vos queria falar
medram poetas nestas ilhas

¹ CRISTÓVÃO DE AGUIAR

² JOÃO DE MELO

³ CRISTOVAO DE AGUIAR

⁴ FERNANDO AIRES

⁵ FERNANDO AIRES

⁶ J H SANTOS BARROS

⁷ URBANO BETTENCOURT

⁸ VASCO PEREIRA DA COSTA

⁹ PEDRO DA SILVEIRA

¹⁰ ÁLAMO OLIVEIRA

¹¹ DIAS DE MELO

¹² MARIA DE FÁTIMA BORGES

¹³ MARCOLINO CANDEIAS

¹⁴ VASCO PEREIRA DA COSTA

¹⁵ EDUÍNO DE JESUS

¹⁶ DANIEL DE SÁ

¹⁷ DANIEL DE SÁ

¹⁸ EDUARDO BETTENCOURT PINTO

¹⁹ EDUARDO BETTENCOURT PINTO

²⁰ ROBERTO DE MESQUITA

²¹ J. MARTINS GARCIA

²² DIAS DE MELO

contistas, ensaístas, romancistas
narradores, dramaturgos e sonhadores

deixai-me hastear a bandeira deste povo
e gritar o que lhe vai na alma

uma ilha pode ser de todos
independentemente de onde se habita
deixai que a chame minha

ninguém a quer
ninguém a sonha
como os que nela se querem
nela nascidos,
nela vividos,
nela transplantados
criando raízes que nenhum machado cortará
dando frutos e flores que só o poeta cantará
levando-a nos sonhos que só vate sonhará

uma ilha pode ser de todos
mas quero-a só para mim
pretendente único à sua razão
namorado, amante e noivo
mulher ardente para cortejar

mãe de todas as filhas
mar de todas as ilhas
amor de terra e mar
ilha de todos os medos

uma ilha pode ser de todos
sem temores do medo
na ilha de todos os medos

504. VOLITANDO 4 maio 2011

vieram os deuses
plantaram ilhas
onde dantes havia água
uma era ilha-mãe,
havia a mãe-ilha,
outra marilha,
a ilha menina
a ilha-filha
nove irmãs
filhas de poseidon e de afrodite
nascidas da espuma do mar

nos montes verdes
rugiam dragões
cuspiam fogo
tremiam os chãos
secavam ribeiras
vomitavam magma
choviam trovões
de thor filho de odin
esquecido das gentes e animais

pobres escravos e colonos
amanhadores de rochas e fomes
desbravadores de mínguas
crentes e temerosos
orando promessas seculares
criam no destino e sabiam-se culpados

ainda hoje penam
com liberdades que não pagam dízimos
votam com os pés da emigração
a libertação de todas as cangas
mas voltam sempre
romeiros em promessas várias
açorianos até ao tutano

sem alforrias nem autonomias
perenes escravos destas ilhas
escrevem a história que poucos leem

525. Galiza como Hiroshima mon amour

acordaste e ouviste o teu hino
bandeira desfraldada ao vento
ao intrépido som
das armas de breogán
amor da terra verde,
da verde terra nossa,
à nobre lusitânia
os braços estende amigos,
desperta do teu sono
pega nos irmãos
caminha pelas estradas
ergue bem alto a tua voz
diz a quem te ouvir quem és
orgulhosa, vetusta e altiva
indomada criatura
nenhum poder te subjugará
nenhum exército te conquistará
nenhuma lei te amiquilará
és a Galiza mon amour

529. homenagem a Natália Correia 29 novembro 2011

hoje
decididamente
vou escrever um poema
dedicado aos feriados
que nos roubaram
decreto
que todos os dias
feriados sejam abolidos
os dias da semana
também
e para não esquecermos
tais dias e feriados
se comemorem todas as datas
ao domingo

e seja domingo todos os dias

(e se nos convertermos ao catolicismo
não poderemos trabalhar ao domingo)

534. açorianices 13 dez 2011

disseram basta falar de hortênsias
plantar a palavra mar e algum sal
uns lugares comuns de bruma
azáleas, camélias, novelões,
conceiras, milhafres e cagarros
e assim se faz um escritor açoriano

autores nasceram assim
nas ilhas e na estranja
ganharam prémios, foto no jornal
houve mesmo quem acreditasse
o governo pagava e promovia

desta janela de bruma
avisto o mar em desalinho
mas como não há hortênsias
nem açores a esvoaçar
nunca escreverei meu nome
na lava e magma a gravar

cantarei o arquipélago da escrita
sem títulos nem honrarias
sem adjetivos telúricos
sem versos de rima quebrada

não é açoriano quem quer
mas quem o sente